A paz acabou para os índios da Zona Sul

Os 39 índios guaranis que, há 11 anos, vivem no Instituto Rural D. Agnelo Rosa, na Estrada de M'Boi Mirim, perderam a paz. Protegidos, desde então, pelo padre José Ceschinivici, que os retirou da Barragem de Pareheiros, onde viviam em completa miséria, eles que, agora, detém a sua permanência no alojamento. Dizendo-se ameaçados de expulsão pelo padre Victor Ribeiro, atual vigário da Paróquia de Socorro, na Zona Sul, os guaranis prometem lutar com arco e flechas, se for preciso. Esta luta poderá ser o desfeito de três anos de amizade entre a família do cacique Avajú e o padre Victor.

Onde, pela manhã, o cacique e seus filhos aguardam a visita que o vigário prometera fazer ao alojamento. Na oportunidade, eles pretenderam expor as razões pelas quais querem continuar no Instituto, mesmo sem a assistência e apoio que recebiam do padre José. Entre estas razões, apontam fatos como o nascimento de 13 crianças neste alojamento e a tranquilidade da região, a qual os mais velhos se acostumaram. Mas o padre Victor não apareceu. Localizado mais tarde, ele recusou-se a prestar qualquer informação sobre o problema, limitando-se a negar a campanha pela expulsão dos índios. Mas, no bairro, a população conhece a história da luta entre os guaranis e “aqueles” que desejam expulsá-los do Instituto. E todos têm medo de falar, para “não prejudicar os índios”.

A família do cacique Avajú, 62 anos, nasceu na tribu guarani de Mangueira, da Palma, no Sul do Paraná. Em 1968 eles vieram para São Paulo, em busca de melhores condições de vida e de uma vida mais segura, porque o tranvão castigava a tribu. Em São Paulo encontraram outras famílias guaranis instaladas na Barragem de Pareheiros e neste período conheceram o padre José que, preocupando com as dificuldades em que viviam, solicitou permissão ao então cardeal Agnelo Rosa para acolher a família de Avajú no terreno pertencente à Curia Metropolitana, na altura do km 29 da Estrada do M’Boi Mirim. Dada a permissão, o padre José construiu um amplo galpão de madeira onde Avajú, que passou a usar o nome de Gumercindo, se instalou com a família.

A amizade dos índios se solidificou, sobretudo, pela assistência material e espiritual que o padre José dava aos guaranis, relembrando o cacique: “Ele estava sempre aqui, preocupado com a gente. Durante cintos anos nos auxi-

Vivendo modestamente, o cacique e sua família subsiste-

A família de Avajú dizem que gostavam de aprender

Afirmando que não pretende voltar para o Paraná, porque o clima alieta a saúde de muitos índios que morreram com pneumonias, o cacique Avajú quer apenas continuar no acampamento. Além disso, espera a oportunida-

Os índios guaranis, na Estrada do M’Boi Mirim